

O Cávado

10 DE MARÇO DE 1977 — ANO XII — SÉRIE II — N.º 170

ASSINATURA ANUAL (52 Números) 150\$00 — NÚMERO AVULSO 3\$00

ESTRANGEIRO (pagamento adiantado): via normal, 384\$00; por avião, 440\$00. ESPANHA, ÁFRICA (ex-portuguesa) e BRASIL, 254\$00.

FUNDADO POR JOÃO AMÂNDIO
SEMANÁRIO — AVENÇA



PORTE
PAGO

Cadeira universitária de Humorismo

Julgo ter sido o prof. Doutor Elycio de Moura que me disse um dia: «A melhor sobremesa é uma boa gargalhada».

Parece não haver divergências quanto ao efeito do bom humor e da boa disposição na saúde das pessoas.

Na mesa de café, em que me sento diariamente, a «família» que a compõe excluiu da mesma os temas sérios e os casos tristes.

Adoptamos a receita do secular e centenário prof. Doutor Elycio de Moura. Não sabíamos, porém, que o professor Cornelius Van Greef criara na universidade holandesa de Utrecht a cadeira de Humorismo. A justificação apresentada para a criar foi esta: que o Humorismo é factor importante para a paz mundial e união dos povos.

Os anglo-saxões ainda recentemente, como Churchill e Eden, buscavam o ar livre, a descontração e os desportos antes dos grandes encontros diplomáticos.

Adenauer procurava nas margens do lago Como, na Lombardia, na calma das águas e, até, numa actividade desportiva a maleabilidade indispensável nos encontros internacionais.

O nosso marquês de Soveral, embaixador apreciadíssimo na Corte de Londres, tratava os assuntos sérios depois de uma boa refeição.

(Continua na 2.ª pág.)

Salgado Zenha

presidente da Assembleia Municipal de Braga

Apresentaram-se duas listas concorrentes: a primeira, por coligação do Partido Socialista com a FEPU e designada por lista A por ordem de apresentação, incluía Salgado Zenha para presidente, os drs. José Salgado e José Sampaio para, respectivamente, 1.º e 2.º secretário; a segunda lista, designada por B, por coligação do CDS — Partido do Centro Democrático Social — com o PSD/PPD — Partido Social Demo-

crata — apresentava o dr. Tomé José Gonçalves (CDS) para presidente, o eng.º Armando António Correia (PSD) para primeiro secretário e a sr.ª D. Ludovina Domingues da Silva (CDS) para segundo secretário.

Feita a votação, por escrutínio secreto, o resultado dos 109 votantes foi o seguinte: lista A (PS-FEPU), 57 votos; lista B (CDS-PSD), 52 votos.

Andamos a dar vivas à morte, ou quê?

É confrangedor verificar o aspecto de um dia de greve, por exemplo, a greve semanal dos têxteis!

Num desses dias, passamos junto de várias empresas e até se nos arriplaram os cabelos ao ver grupos de operários junto das mesmas, em conversa animada, como se estivessem a prestar um alto serviço à Nação!!!

Pois nós tivemos a impressão de um dia de luto nacional, em que se pranteava a morte da Sagrada Organização do Trabalho!

e ficamos a fazer votos, os mais ardentes votos, de que aqueles grupos não estivessem a cavar a sepultura de todos nós!!!

Em 17 de Fevereiro p.º, por motivo de mais uma greve dos têxteis, numa empresa (FIBRA COMERCIAL LUSITANA - PORTO), onde existe uma cantina, os operários em greve preparavam-se para ir comer àquela cantina, como acontece nos dias de laboração da fábrica! Nós perguntamos: o que é isto? Então os operários da cantina não deviam estar também em

greve? Ou querem um Deus para si e um Diabo para os outros?

Ora a entidade patronal, e muito bem, recusou a utilização da cantina, alegando que QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME!!!

Que país é este e que homens são os portugueses?

O prejuízo que resulta para a Nação, deste estado de greves constantes, é conhecido de todos nós, que nada podemos fazer para o evitar, mas é também conhecido do Governo da Nação, como tem sido afirmado e foi declarado ainda agora na R.T.P. pelo Primeiro Ministro, quando disse: «RECUPERAR, MAS RECUPERAÇÃO QUE NÃO PODE DEIXAR DE PASSAR POR UM SUBSTANCIAL AUMENTO DE PRODUTIVIDADE, PELA CORRECÇÃO DE CERTOS VÍCIOS QUE URGE EXTIRPAR DOS TRABALHADORES PORTUGUESES, EM CAMPANHA DE MENTALIZAÇÃO».

Ora parece que os poderes constituídos, que sabem perfeitamente onde está o mal, não podem abandonar à sorte, a vida de tantos doentes. Daí, a terapêutica aconselhada para aplicação enquanto há uns restos de vida.

Perante tal situação, dá vontade de perguntar: Então Deus em que se ocupa? A resposta seria: DEUS, TALVEZ ENVERGONHADO DE TER CRIADO O HOMEM, OU ARREPENDIDO DE TER CONSENTIDO QUE O DIABO COLABORASSE NA FORMAÇÃO DO NOSSO PRIMEIRO

(Continua na 5.ª pág.)

RACISMO

-- Algumas considerações -- por J. A. SOARES FERNANDES

Foi, em consequência da perseguição movida contra os judeus, pela Alemanha hitleriana, que o problema do racismo se pôs, com a maior acuidade, levando a uma tomada de posição por parte das Nações Unidas.

Efectivamente, a UNESCO, em 1951, após um trabalho elaborado por um grupo de cientistas, condenou-o, afirmando, inequivocamente, que «as diferenças genéticas não interveem na determinação das diferenças sociais e culturais entre os grupos humanos». A mesma conclusão, chegaram os antropologistas que colaboraram no livro «O Racismo perante a ciência», publicado em 1960, por aquela organização internacional.

Desde a Antiguidade que se vem pretendendo fazer classificações de raças, com base na língua, na religião, na forma da cabeça (Blumenback), no perfil do rosto (Virey), na forma dos cabelos (Haeckel), na forma do nariz (Topinard), etc., etc. Deniker, em

1900, chegou a apresentar uma classificação, pela combinação de vários factores, que englobava 27 raças e 22 sub-raças. Ora, «a natureza dos homens é idêntica; só os seus costumes o separam», afirmou Confúcio alguns séculos antes de Cristo. Como ensinava Jorge Dias, o racismo será «a consequência dos desajustamentos resultantes de padrões culturais diversos», no âmbito dum etnocentrismo, não só condenável, como marcadamente anti-científico.

A campanha anti-colonialista, (Continua na 6.ª pág.)

Vencer a batalha

Dizem-nos, a cada instante, que os de hoje não podem, no que respeita a disciplina, assemelhar-se aos de outro tempo... É bem possível que tal aconteça. Mas convenhamos — e isto sem querer ofender ou censurar os docentes das novas camadas — que o professor, para ser prestigiado pelo educando, deve, começar por prestigiar-se a si próprio.

Infelizmente, nem sempre tal acontece. Mal vai àquele que para conquistar as boas graças dos seus discípulos, se comporta menos curialmente...

Exercemos num período bem longo — iniciado no começo da ditadura e acabado quatro anos antes do seu fim — em que ser professor era arrastar uma situação bem difícil, pois só depois de muitas canseiras se conseguia uma efectividade. E esta condenava-nos a aguentar uma vida de mediocridade, sem se poder, normalmente, comprar, sem sacrifício, um livro desejado, que, tendo família, os parcos vencimentos não davam para tal. São esses professores,

agora na reforma, que continuam ainda a ser vítimas. Enquanto no Ensino, quando, após vinte anos de efectividade, atingiam as duas diuturnidades, eram em categoria, equiparadas a coroneis, em vencimento, ficavam bastante àquem. Mas, hoje, tais docentes, agora aposentados, sob o ponto de vista de vencimentos, nem chegam sequer a sargentos...

É de lamentar que existindo um Sindicato dos Professores que tanto se tem batido pela situação dos professores do Ensino Secundário — muito bem longe ainda de o serem verdadeiramente — delxe ao abandono e em completo esquecimento a situação dos professores aposentados. Há um velho adágio que diz: filho és, pai serás... Talvez um dia aconteça o mesmo aos que actualmente estão exercendo!

Não é isso, porém, que nos leva a escrever. De resto, é bem provável que muitos desses aposentados, se tivessem tido o condão de advi-

(Continua na 2.ª pág.)

A Torralta regressa à vida

Como são numerosos os investidores na Torralta, damos aos nossos leitores algumas informações sobre essa grande empresa turística nacional:

— Desde Dezembro de 1974 até Setembro de 1976, — período da intervenção do Estado — a Torralta gastou mais de um milhão de contos sem ter feito qualquer investimento e sem ter pago aos accionistas. Verificou-se apenas esbanjamento de dinheiro.

— Para uma empresa, sem actividade, depois de 25 de Abril de 1974, o pessoal aumentou 10 a 12 por cento.

— O património imobiliário é que permite a recuperação da empresa.

— Vão ser pagos aos accionistas os juros referentes aos anos de 1975 e 1976.

— O juro a pagar é de 6 por cento, quando por contrato era de 10 por cento.

— Há trinta mil accionistas.

— A Comissão administrativa actual é constituída por três representantes do Governo e dois representantes dos investidores.

— Foi a reacção dos investidores que permitiu a possibilidade do ressurgimento da Torralta.

— A situação criada à empresa

depois do 25 de Abril provocou três ou quatro suicídios em accionistas que lhe confiaram a sua reforma modesta.

Assim uma empresa, que estava próspera, passou dois anos a dar prejuízos aos accionistas e à Nação, prejuízos que somavam, por dia, dois mil contos.

Como compreender que fossem numa empresa, em actividade, os encargos de 420 mil contos, e quando parasitária, os encargos subsissem para 730 mil contos?

Assim andou a economia nacional depois da «revolução dos cravos»!

Cadeira universitária de Humorismo

(Continuação da 1.ª pág.)

São vários os processos de conseguir a boa disposição, de acordo com as lições de grandes políticos e diplomatas.

Tudo isto, porém, era fruto de um clima já existente, de uma raça bem preparada ou de uma experiência. Ou até um acto de coragem desafiadora.

Recordo um tenente-coronel do Exército Espanhol, que em Vigo, quando da guerra civil o fuzilaram.

Perguntaram-lhe se desejava que lhe vendassem os olhos.

— Não, replicou. Peço, apenas, para fumar um cigarro.

Voltaire estava a morrer, e M. de Aguiillon, sobrinho de Richelieu, foi visitá-lo. Voltaire ergueu-se, lava o rosto e mete-se na liteira para ir ao encontro do amigo. Na sala abraçam-se e Voltaire diz a M. de Aguiillon: «Interrompi a minha agonia para o cumprimentar. Adeus. Vou morrer».

Aos 90 anos, o rei Gustavo da Suécia fez o testamento. Relendo-o, inutilizou as primeiras letras, e, porque se sentia em boa «forma», escreveu: «Se eu morrer...»

O famoso Einstein perdeu um cheque. Pessoa que o encontrou, levou-lho, pois o cheque era de alto valor financeiro. O sábio agradece nestes termos: «Não sabe o prazer que me deu; não sabia onde tinha estes apontamentos».

Estes casos, porém, não são resultado de uma cátedra universitária. Por isso não obedeceram às teorias nem aos compêndios.

Como organizar a pedagogia do humor?

Quais os textos de ensino?

Seja como for, a Humanidade necessita de bom humor.

A vida estrangula o homem nas malhas do dia a dia, na incerteza do amanhã, nos conflitos permanentes, nas deslealdades constantes, nas frustrações mais impensáveis.

Os homens chegam a contrariar a possibilidade do humor.

Em qualquer encontro, do nosso dia a dia, é pergunta fatal: «Que há de novo?».

E esta pergunta, de si, contém geralmente uma característica pessimista. É que de tanta desgraça, de tanto infortúnio, de tanta tragédia mundial, já esperamos uma resposta negra.

Talvez por isso, há dias, o prof. Doutor Elyσιο de Moura, retido em casa pelos seus quase cem anos, perguntava-me: «Diga-me alguma notícia alegre». A imprensa, a Rádio e a Televisão têm enorme culpa nesta situação em que a humanidade se encontra, porque dá sensacionalismo ao negativo, em vez de proclamar o que há de positivo no mundo. Note-se, ainda, que uma profunda nostalgia domina a humanidade. E nem todos se apercebem de que essa nostalgia é resultado da ausência da prática do bem, sem o qual não há esperança.

Oxalá Cornelius Van Greef alcance êxitos com a cadeira de Humorismo na universidade de Utrecht, e que, rapidamente, se propague a outras universidades a ver se os homens aprendem a viver com melhor disposição psíquica. E de tal maneira que todos os portugueses possam sorrir-se humoristicamente para «piadas» como as das «amplas liberdades».

J. N.

Eis aí, de novo, os Cadetes de Sidónio...

Foi o outro dia no Colégio Militar.

Segundo a imprensa, «após o desfile, realizou-se o tradicional almoço de confraternização em que participaram entre outros, na qualidade de antigos alunos, Sanches Osório e António Spínola, este sau-

dado de maneira tão carinhosa que, comovido teve de agradecer com um «Viva Portugal, viva o Colégio Militar». Tal recepção contrastaria com a frieza dispensada a Pezarat Correia».

Quanto a nós, Spínola é o passado, não o futuro. A homenagem dos cadetes — e não só... — não

LIVROS NOVOS

A origem da vida

Eng. Paulino de Magalhães

O autor, especialista em Física, acaba de nos dar um trabalho, que seria unicamente para especialistas, se não fora o milagre de ter escrito em estilo, que todos podem seguir.

Os dois factos — assunto estudado e estilo ao alcance de todos — destacam a inteligência excepcional do culto e erudito professor.

Partindo de conceitos básicos — «informação», «entropia», «cibernética», conclui: «sabemos que o suporte de todas as informações que dá origem a um mecanismo vivo, qualquer que seja o nível de complexidade que ocupe na hierarquia das espécies, é a molécula do ácido desoxiribonucleico (ADN), constituída por elementos que se encontram integralmente na matéria inerte, mas que desta se afasta pelo modo, pela orientação, como se encontram reunidos.

Ora a vida, matéria informada ou orientada, só é possível como sede de um mecanismo regulador e este, porque tem uma finalidade, não surge por acaso.

Finalidade e acaso são incompatíveis.

Somos assim levados a concluir, e só para a inteligência eu apelo, que a vida, matéria informada, só pode surgir no mundo que nos rodeia aceitando a existência de

uma «entidade» exterior à matéria e que a esta impôs o princípio cibernético da regulação.

A essa Entidade eu chamo Deus».

Sabemos que uma das pessoas da maior posição social e religiosa, escrevendo ao ilustre físico acerca deste ensaio, lhe disse que o trabalho valia por muitas apologéticas.

E assim é, na verdade.

Felicitemos o querido amigo pelo primoroso trabalho e fazemos votos para que continue a ensinar-nos com os fulgores da sua bela inteligência.



LIVRARIA PAX

LIVROS . IMPRESSOS . POSTERS . GRAVURAS . DISCOS
NOVIDADES

REPARAÇÃO E LIMPEZA DE MAQUINAS DE ESCREVER,
REGISTADORAS, CONTABILIDADE, ETC.

SECÇÃO INFANTIL:

MODERNO SORTIDO DE JOGOS DIDACTICOS E EDUCATIVOS .
CONSTRUÇÕES . LIVROS . DISCOS . BRINQUEDOS . NOVIDADES

TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

UMA ORGANIZAÇÃO RENOVADA AO SERVIÇO DA CULTURA

Rua do Souto, 75 — Telefone PPC 22604 — BRAGA

Vencer a batalha

(Continuação da 1.ª pág.)

nhar, se tivessem encarreirado em sentido bem diverso...

Mas voltemos ao que nos levava a escrever estas linhas. Falávamos da disciplina — e esta é indispensável para o bom andamento dos trabalhos escolares.

Queremos, no entanto, acreditar que a disciplina nas aulas depende muito do professor, tanto que, ainda agora, no estabelecimento de ensino secundário, onde, como efectivo, nos conservamos vinte e cinco anos, podemos observar, quando ali vamos visitar alguns Colegas que muito prezamos, o comportamento dos seus alunos.

Para tal, basta que o professor, sem escusadas exigências — antes com uma camaradagem bem compreendida e sem abdicar da sua condição de educador — saiba tornar-se estimado e respeitado pelos seus discípulos. Assim fizemos durante longos anos, sem esquecer o

nosso lugar, mas sem deixar de considerar os nossos alunos e sem deixarmos, também, de, nas nossas aulas, tratar os assuntos das lições com isenção e comentando-os perfeitamente à vontade. Nunca nos sentimos inibidos.

Mas, para que num estabelecimento de ensino tudo se passe sem incidentes, não é, apenas, a disciplina dos alunos que basta. Há, igualmente que ter em conta a acção dos docentes. E isso, pelo que nos dizem que se vai passando em alguns desses estabelecimentos, fica muito a desejar.

Não poderá decorrer de forma normal a actividade duma escola se, aqueles que a devem gerir, não cumprirem as tarefas que lhes estão confiadas. Nas variadas comissões de gestão, dos muitos liceus e escolas, dizem-nos, gestores há que procuram tirar da sua situação os possíveis benefícios, sem no entanto, curarem das suas responsabilidades. E, desse modo, difícil será conseguir bom resultado. Não defendemos a nomeação dum reitor ou director, tal como durante muitos anos se fez, dependente da vontade do ministro ou da facção política a que pertença. Só, raramente, essa entidade desempenhava o seu cargo alheio a nefastas influências. Mas julgamos que não será com comissões de gestão, como vulgarmente são organizadas, que se caminhará. É que, numa escola, como em qualquer outro departamento, há necessidade de alguém que seja, de facto, responsável e possa ordenar — sem exagero, é certo — o que for mais conveniente. Em nosso fraco entender, parece-nos ser o antigo sistema,

usado antes da ditadura e, mesmo, nos princípios dela, a melhor maneira de resolver o problema.

Os directores ou reitores eram eleitos, pelo Conselho Escolar, em lista triplíce e, dos três elementos mais votados, era dado conhecimento ao ministro que, pela ordem da votação, nomeava os chefe e subchefe (vice-reitor ou sub-director) do estabelecimento.

Podiam, assim, exercer com isenção os seus mandatos, pois ocupavam os seus postos por vontade dos seus pares, assistidos dos respectivos Conselhos: Escolar, Administrativo, Disciplinar. A vida académica decorria sem dificuldade de maior.

Inclusivamente, os escolares, por meio dos seus representantes, em comunicação permanente e directa com os directores ou reitores, concorriam para o bom funcionamento de quanto respeitava ao estabelecimento.

Nas actuais condições em que, entre os docentes, são muitas vezes os menos qualificados arvorados em gestores e um funcionário menor ou um aluno se sentem com igual autoridade dum docente, sem que haja um chefe, verdadeiramente responsável, difícil será fazer carrilar o que respeita ao bom funcionamento das escolas.

O M.E.I.C. que, por certas regras já estabelecidas, mostra querer realizar obra séria, deveria ventilar todas as possibilidades, para vencer a grande batalha de quanto se refere ao Ensino.

Lisboa, Fevereiro, 77.

M. de M.

TRIBUNA LIVRE

As nótuas bairradinas

e o torpe Imposto de Trabalho contra o povo rural!

por M. Castelão

1—Para já, é pena não termos à mão o caduco Código Adm. de 1936-37, para melhor definição do que é o espírito compreensivo e a falta de critério desses cidadãos que aceitam e *gostam de presidir*, a seu belo prazer, aos destinos das suas autarquias!...

Para muitos, é um sonho de vaidade e nós gostaríamos que não o fosse — antes fosse um cargo de responsabilidade total! Até sucede que esses privilegiados ao tomarem posse, quer em comissões de serviço ou por força de eleições, pensam logo ultrapassar as aspirações dos antecessores, em planos e orçamentos!... E o Chefe de Secretaria, inais senhor do cargo... Observa-lhe:

— Então o Sr. Presidente está disposto a pagar os planos, do seu bolso? É que para as obras orçadas... o dinheiro não chega!... Ao que o Presidente acrescenta:

— Esperamos que haja... — Que remédio Sr. Presidente!...

2—Claro, o dinheiro... sem ele nada... e com ele tudo!... Não é bem assim! Ali, a Câmara de Cantanhede, muito zelosa, para além das suas receitas... há cerca de 4 anos, *exigiu ao povo da Póvoa do Bispo*, freguesia de Ourentã, um antecipado depósito superior a 20 contos (sem juros...) para ajudar a despesa do *alcatoamento*, de um pequeno ramal de estrada nova, do lado norte da Escola Primária donde parte até ligar à estrada municipal de Cantanhede a Bolho. Tudo se pode provar, pois o povo está sem o dinheiro e... sem estrada devido ao inverno a destruir em menos tempo do que levou a construir! Esta gente da P. do Bispo, simplesmente, foi uma sacrificada durante dezenas de anos, sem meios de comunicação, entre outros, quer para o Concelho quer para a condução dos seus mortos para o cemitério de Ourentã, a 3 Km., atravessando terras e pinhais, etc., etc. Foi na gerência do saudoso presidente Dr. Silva Pereira, que, além da Escola, apareceram os caminhos, água e luz!

Para estes benefícios... muito contribuiu a nossa caneta em 1967/68.

3—Como vimos, existe muita diferença de visão... entre o povo que tudo paga e aquele que o explora com as intenções dos bene-

fícios. Póvoa do Bispo e não só, mas também muitas outras povoações, para saírem do marasmo e da paralisia mental dos pseudo-gestores, contribuíram com largas centenas de contos!... E, no entanto, o célebre e nojento Imposto, continua a sangrar, no arbitrio da exploração das «zelosas» Câmaras, como a de Anadia e Cantanhede! Convém frizar que o dito imposto foi aceite pelas boas intenções a que era destinado e por começar pelos 10\$ lançados ao chefe de família, nele residente. Ora o que causa o *abuso da própria lei*, é o chefe de família pagar no seu concelho 73\$ e por ter uma simples courela em Cantanhede, ter de pagar 100\$... Já não falando no aumento da nojenta taxa... se o chefe de família tiver filhos maiores ou criados e bois ou vacas... Quer dizer são taxas contra o excesso familiar e animal quando, antes, o serviço braçal, era prestado apenas por um dia à junta ou à câmara, se estas quisessem aproveitar tapar buracos etc., e na sua localidade! Agora obrigar a pagar anualmente, uma contribuição fora dos seus limites... prova bem à evidência a

estupidez de quem assume responsabilidades deste jaez!...

Estranha-se muito que o povo não peça responsabilidades aos seus «eleitos» mandatários!...

4—Para não maçar o leitor, vejamos em síntese, como correm aqueles serviços de cobrança do imposto. Segundo nos disse um contribuinte, agora há pouco, (ainda em 76) recebeu uma citação para pagar um imposto de há dez anos... e como costuma guardar os recibos que paga... deu volta pela gaveta e retirou o recibo referente, e com ele, se apresentou ao funcionário de Cantanhede, ao que este lhe disse: «Vá lá o Sr. ganhou!»

Se o contribuinte não guardasse, como costuma, os recibos, *ia pagar 2.ª vez!*... O que tem acontecido com outros que aparecem com nomes trocados... o que facilita a confusão, pois não sabem defender-se daquele expediente! Deve-se guardar pelo menos durante 20 anos, qualquer recibo pago. Por agora é tudo, pois vamos aguardar o próximo número.

Só a URSS poderá «salvar» Portugal, como muitos desejam?!

Tudo muito bem architectado e programado, já antes da pilhagem dos territórios que foram da «Índia Portuguesa»!

O «patriótico» plano foi concebido para ser consumado a «prestações», uma após outra.

Nem podia ser de outro modo: A gibóia não engole o boi que mata: «Mastiga-o lenta e pacientemente...»

Antes de iniciadas as guerras de descolonização já os russófilos se insurgiam contra o «domínio colonialista» português, argumentando, entre outras coisas as seguintes:

- 1—A exploração dos indígenas;
- 2—Impor-lhes uma civilização de que não careciam, obrigando-os a trabalhos que não lhes faziam falta alguma;
- 3—Manutenção de Marinha de Guerra, de Exército e de Aviação, sorvedouros dos cofres do Estado e, assim, do sangue, suor e lágrimas dos contribuintes.

Nascido há muito, o ódio, ao «imperialismo colonialista português» cresceu e atingiu a sua maturidade.

Só estranhável que o «colonialismo» fosse um mal para Portugal e seja lícitamente bom para o imperialismo russo!

O que antes de 24-4-74 era tido como traição para a consciência nacional passou a ter reputação de virtude democrática (socialista-marxista pró URSS).

Militares e civis (parte, claro, que os outros eram acoimados de exploradores do homem pelo homem, de fascistas, etc.) abraçaram o grandioso plano do desmantelamento de todo o «Império Português», nele colaborando subreptivamente (e só assim se pode entender a sua coerência de sentimentos anti-colonialistas) pois que se o fizessem descaradamente seriam punidos por crime de alta traição.

Vem a propósito um reparo: Como se pode explicar que militares anti-colonialistas tenham sido galardoados, como agora (é dos jornais) o Sr. Tenente Coronel Carlos Fabião, «com Medalha de Prata de Serviços Distintos, com palma, por feitos relevantes em campanha na Guerra da Guiné» (a favor dos atacantes em prejuízo dos camaradas combatentes, à defesa?) e se perseguem — como se sabe — pessoas afectas à PIDE/DGS, actuaes na defesa do «Colonialismo»?!

E depois da Índia foi o resto, como também todos sabemos. E, na Metrópole, as inventonas e a precipitada Intentona de 25-11-75, em que se notabilizaram, «heróis» (anónimos?) intimamente festejados, continuando a receber os príncipes ordenados e... até, com

MAIS DOIS PRÉMIOS GRANDES

distribuídos em 3-3-77

AOS BALCÕES DA

CASA DA SORTE

2.º PRÉMIO — 14281 — 1.800 CONTOS

3.º PRÉMIO — 4300 — 900 CONTOS

NOTA: O bilhete do 2.º prémio — 14281 — foi comprado no «mercado de lotarias» ao revendedor Sr. «Nina», e vendido ao balcão do nosso estabelecimento do Rosio-Lisboa, depois de ter recebido o famoso CARIMBO da SORTE que é apostado em todos os bilhetes distribuídos pela CASA DA SORTE.

O impossível acontece...

O facto mais positivo depois do 25 de Abril...

Acordo unânime por cá em relação ao caos, em que se encontra a nossa economia. Mas qual o remédio? Como sair dele, do caos? PCP afirma a pé junto que só a ditadura do proletariado mal-a-colectivização podem tirar a couxada dos apuros, em que se encontra. Ora nós já sabemos por expe-

riência, na carne e no sangue, o que são nacionalizações, empresas intervencionadas, Ladrãoagem Agrária etc. etc. etc.

Portugal não quer isso. De ditaduras, já bastou. Mas, de balburdia, também já estamos fartos...

Só enveredando corajosamente pela Iniciativa particular é que podemos safar-nos de imediato do abismo, mas isso obrigava sectores socialistas a rever pontos essenciais.

Parece ter chegado o acordo entre CDS/PSD e PS no tocante a separar com clareza o sector público do sector particular e, a partir de agora, se lhe forem dadas garantias, a coisa arranca mesmo.

Claro que falta ainda uma legislação laboral capaz de levar patronato — estadual ou particular — a colaborar com sindicatos inteligentes e ousados, que saibam reconhecer que, só pelo trabalho e pela honestidade, é que conseguimos vencer o desafio.

Mas lá chegaremos, sem dúvida.

Pensão mínima sobe para...

É aumentado para 2.250 escudos o quantitativo mínimo das pensões de invalidez e de velhice — determina a portaria número 94/77 da Secretaria de Estado da Segurança Social publicada na primeira série do «Diário da República» de hoje. Com efeitos retroactivos a partir de um de Fevereiro, ela só começará a ser recebida — com aumento — a partir de Maio. Para a actualização das pensões foi adoptado, como princípio, o aumento uniforme de 750, 600 e 250 escudos mensais, respectivamente para as pensões iniciadas anteriormente a 1975, em 1975 e em 1976.

Lágrimas nada resolvem, mas...

É bom saber a quantas andamos.

O custo de vida aumentou, da forma seguinte: pão e produtos de padaria, 1,5 por cento; batata, 24,7; feijão 25,3; grão de bico, 41,6; cabrito, 18; carneiro, 21,1; porco, 13,4; vaca, 6,3; miudezas, 17,7 sal-sicharia, 12,0; peixe fresco ou frigorificado, 20,1; peixe congelado, 19,7; moluscos, e crustáceos frescos, 22; peixe em conserva, 17,2 seco ou salmoura, 21; ovos, 8,7

(Continua na 6.ª pág.)

(Continua na 4.ª pág.)

De que é que precisa a Sua Terra!

Escolas? Agua?

Foi enviado pelo Grupo de Estudos Populacionais, da Secretaria de Estado da População e Emprego, a todas as Juntas de Freguesia, um inquérito com o objectivo de determinar as necessidades prioritárias da população que cada uma abrange.

Deseja-se, através das respostas ao referido questionário, obter

elementos que venham a permitir uma acção futura em prol das populações, embora sem interferir, por qualquer forma, com os organismos já constituídos.

Pretende-se que o inquérito seja completa e correctamente preenchido para que possa ser atingido o objectivo proposto.

O impossível acontece...

(Continuação da 3.ª pág.)

leite de vaca, 1,6; óleos, 12; produtos de pastelaria e confeitaria, 5,8; cacau, 20,2; café, 48,6; chá, 13,7; alimentação preparada no todo ou em parte, 21,3; alimentação consumida fora de casa, 7,2; bebidas alcoólicas, 12 e bebidas não alcoólicas, 10,9.

Quanto ao vestuário e calçado o aumento médio foi de 9,3 correspondendo ao vestuário feminino o aumento maior, com 10 por cento, contra 8,5 do vestuário masculino. No pronto-a-vestir masculino o aumento foi de 3,8 por cento, contra 10,7 no vestuário feminino. O vestuário de criança aumentou 12,4 por cento e a limpeza de vestuário em lavanderia 13,9.

O calçado para homem aumentou 14,5 por cento, o de senhora 12,8 e o de criança 10. A reparação de calçado teve um aumento de 14,3 por cento.

Artur Agostinho causa alucinações...

Certa imprensa avança pelo inconcebível. Faz romance puro ou tem visões. A propósito de tudo e de nada... Tem medo do sol, da chuva, das bruxas, de fantasmas. De tudo. Vive em pânico permanente.

Só porque Artur Agostinho vai fazer a reportagem radiofónica do «Torneio da Páscoa» do Sporting de Braga, um jornal comenta: «Desta maneira vai-se fazer entrar, «em beleza», o ex-locutor da voz oficial do fascismo antes do 25 de Abril. Será que desta vez, entre os turistas, e para além deste, entrem outros «trutas»?...

O homem está com visões... Ou será que receia outro 28 de Maio, assim sem mais nem menos, só porque se joga o futebol?

Se assim é, então a coisa é grave. Deverá consultar um médico.

Isso de 28 de Maio, por cá, foi chão que deu uvas. Aí por Lisboa, ainda se aguenta com o social-fascismo ou comunismo, mas, por cá, nem — e muito menos — com esses.

Grã-Bretanha acaba com o boicote a seguros em Portugal

Mal a rapaziada do 25 de Abril começou a mostrar do que era capaz, ao que informa «Eurolite», agência inglesa especializada no seguro de propriedades imobiliárias de ingleses no estrangeiro, Londres proibiu as companhias inglesas que aceitassem seguros de ingleses em Portugal.

As companhias seguradoras britânicas, entre elas, a famosa «Lloyd's», recusaram-se a segurar vivendas e outras propriedades adquiridas por súbditos britânicos, salvo se estivessem dispostos a pagar muito caro esse luxo.

O boicote acaba de ser levantado.

Porque não foram os ingleses — e os portugueses... — a Moscovo e a outros lugares de reconhecida competência na matéria para substituir estes incompetentes Ingleses?

Olha que esta... Pôr em dúvida a honestidade e a seriedade da malta que pôs o país no lindo estado, de que vamos tentando fazê-lo sair...

Trabalhadores do comércio contra o público, a favor do desemprego!

Trabalhadores preferem desemprego a que haja trabalho aos sábados e domingos...

O governo permitiu diversificação de horário de trabalho, de modo a poderem estar abertos, sábados e domingos, os estabelecimentos comerciais, que assim o desejem.

Facilitar-se-ia, a compra de artigos aos que não podem fazê-lo nos outros dias e, sobretudo, deste modo aos turistas, que só nesse dia nos visitam. É o caso, por

exemplo, do Minho com os fins de semana, sobretudo no litoral para os que vem da Galiza.

Invocando pretextos ridículos — perder a semana inglesa... — atiraram-se contra essa medida, que reputamos vital para o comércio, hoje, e, salram para a rua a gritar estribilhos, já conhecidos.

Antes de mais nada: em que é que a nova medida vai contra a semana inglesa para os que já a têm? E, se se recorre a trabalhadores desempregados ou que preferem trabalhar nesses dias, que mal vai nisso?

Pelo mesmo motivo, combóios, camionetes, hospitais e outros

serviços de interesse público teriam de encerrar aos sábados e domingos.

Cintura Industrial de Lisboa: «Para sair da crise, só com o caos como até agora!»

Cintura Industrial de Lisboa não perde ocasião para atacar as medidas do governo. A última foi nos Olivais, onde se publicou documento com esta obra prima de solução para o caos de hoje:

«Reconstrução nacional, aumento da produção, austeridade só serão possíveis se o Governo for capaz de governar com os trabalhadores, no combate ao patronato, reaccionário, ao capitalismo e ao fascismo».

Segundo eles, para sairmos do caos, só há um caminho: enterrar-mo-nos ainda mais no caos, já que os países onde há patronato, capitalismo e monopólios, só se salvaram por este meio!

Ah! Zé, pega-me no lódão...

Imposto de novo o crivo de acesso ao curso superior

A irresponsabilidade que tomou de assalto diversos lugares de comando do país aboliu os exames de aptidão para frequência dos cursos superiores. Ora a experiência demonstrou que tal curso deveria ser crivado de inúteis e preguiçosos.

Haverá provas de exame em Julho exigindo-se ao candidato: o curso complementar adequado do Ensino Secundário ou equivalente: aprovação em Língua Portuguesa, destinada a avaliar a capacidade de interpretação, exposição; expressão e imaginação; aprovação em provas de apreciação de nível científico e cultural, nas quais serão avaliados os conhecimentos aqui adquiridos, indispensáveis à frequência de vários cursos superiores; preenchimento das condições específicas que venham a ser fixadas nos cursos de acesso limitado (numerus clausus).

Turismo: até que enfim, circuitos internacionais combinados

Primeiro em Ofir, agora no Algarve, delegados do turismo por-

(Continua na 6.ª pág.)

A Província

TURISMO problema número um de Braga

A última reunião rotária ocupou-se largamente do turismo em Braga. Falta do Campo de Campismo Eng.º José Lamosa; dificuldade de trânsito rodoviário e o aeroporto de Pedras Rubras sem condições — Dr. Rocha Peixoto; Joaquim Nunes da Cruz foi incluído:

«O parque de campismo da nossa terra tem uma importância decisiva — salientou — e carece de condições próprias mínimas para a sua implantação». Anunciou ainda a construção do futuro parque de exposições, a instalar nos terrenos onde funcionou a Feira Agro-Pecuária dos últimos anos, pondo em relevo o valor dessa iniciativa. Tratou igualmente da abertura permanente da fronteira da

Portela do Homem, a qual apresenta um notável interesse turístico e económico para a região.

José Alberto Oliveira e Lima Marques apoiaram as palavras dos oradores que os precederam, assim mostrando unanimidade em relação à falta de estruturas turísticas na cidade e região.

A nova ponte na foz do Lima em Viana

Com vista à nova ponte na Foz do Lima, porque se impõe, desde já, a necessidade de orientar o trânsito em direcção à Abelheira, o Presidente da Câmara Municipal de Viana, em conferência de imprensa, disse que se ia tratar já dos acessos à futura ponte na Foz do Lima.

Falou, ainda, de 200 novas habitações a erguer em diversos lugares, anunciou que as passagens de nível na via férrea iam ser reguladas electricamente, de modo a evitar mais desastres; pensa-se muito a sério na central de camionagem, estando em hipótese dois terrenos e já estão aprovadas as novas zonas de expansão industrial entre Anha/Vila Fria e Alvarães.

Câmara do Porto e a contestação do nosso director

Publicamos, no penúltimo número deste jornal a intervenção do nosso director na AR contestando as novas taxas de electricidade impostas ao país. O orador demonstrava, por a + b, que o Porto — a 10.ª cidade mais industrializada do globo — pagava, assim como as camadas mais débeis, o «luxo» de gastarem energia eléctrica.

A câmara municipal do Porto acaba de suspender as novas taxas, expondo ao governo o fundamento

daquela medida, por forma a que reveja o caso e atenda aos legítimos interesses da cidade.

Aproveitamos o ensejo para informar que o último número de «Jornal de Economia e Finanças» transcreveu a nossa local sobre empresas que encerraram com deficit o exercício de 1975.

«O Cávado» sente-se feliz por ver que atingiu, no meio português, um belo nível de simpatia e interesse.

SUPERMERCADO DE TAPEÇARIAS DE BRAGA

Grande Stok:

Alcatifas em rolos, plásticos em peça,

Carpetes, Colchões, Almofadas e Maples.

Fios de lã, juta e linho para confecções.

ORÇAMENTOS:

Grande campanha de preços

Ao dispor de V. Ex.ª na

Avenida da Liberdade, 318-Telef. 25296-BRAGA

GRANDES CAMPANHAS SEMANAIS

GRANDE DESCONTO
PARA O ARTIGO DA SEMANA ?

O Rito Bracarense CONTRASTES...

IV Domingo de Quaresma: o pão...

Creio já ter dado as razões, pelas quais escrevo sobre texto bracarense e não romano. É que, suponho, o romano a nada obriga Braga em relação a isso, pois se trata duma peculiaridade local.

Disponho de texto fixo desde o século VI, desde o I Concílio de Braga, 461.

Temos texto fixo para Braga desde o Missal de Mateus, pelo menos século XII mas que pode ser do século IX. Para que fomos tocá-lo pelo romano? Roma nunca teve obrigação de texto fixo.

Isto posto, vamos ao que importa: «Que interessa, aqui e agora, para o nosso tempo, o evangelho do III Domingo da Quaresma?»

O facto, que ele refere é o da multiplicação dos pães e do peixe, dados a milhares de pessoas, que passariam fome, se Jesus não tivesse feito o milagre.

Antes de mais nada, chegamos à conclusão de que Deus não deixa ninguém morrer à fome, até porque, em caso de fome, o necessário é de todos. A propriedade desaparece.

Exige, porém, duas condições mínimas: que o faminto procure de per si resolver o assunto e que tenha fé em Deus, que pode e quer socorrê-lo.

Segunda conclusão: a Igreja, de quem é cabeça Cristo, um todo com a cabeça («Tive fome e destes-me de comer...»), terá que resolver esse problema, ao menos em doutrina, em teoria, no magistério.

Nestas circunstâncias, não deverá gastar as esmolas no supérfluo, quando Jesus passa fome, sede, não tem casa, anda nu, etc., etc., etc. O supérfluo pode ser — e é muitas vezes... — Igrejas, altares de ouro ou ricos, em suma, tudo quanto seja contrário ao Evangelho. Enquanto houver 9 e menos famílias em mansardas, pois tudo o mais deve esperar para que seja resolvido este problema prioritário, parece.

Terceira conclusão: aliás isto não é novo. A liturgia assim no-lo mostra. Desde sempre, os fiéis traziam para as missas de sábado, vigília de domingo, e, depois, para o domingo, as suas ofertas, em geral géneros agrícolas, e que eram gastos entre o culto, o clero de serviço e os pobres. Se é certo que essas ofertas se encontram hoje na esmola da missa, que o padre recebe, não é menos verdade que, ao princípio, os fiéis sentiam o dever de partilhar com os pobres as ofertas do santuário...

Para nós, bracarense, esse dever está explicitado no III Concílio da Braga, ao explicar o que significa a água, que se mistura com o vinho, antes da missa. É o Povo de Deus, que, misturado com Jesus, — o vinho que O representa — partilha no Sacrifício... Segundo a Liturgia de Braga, não há rico nem pobre: há Jesus rico ou Jesus pobre...

Última conclusão: evidentemente que é aos homens que cabe a responsabilidade de resolver o problema do pão e do peixe: alimento, emprego, salário, habitação, etc. E não é de certo à nossa maneira de agora, após o 25 de Abril, com o caos que para aí vai, que ele se resolve.

A. Luís Vaz

...de Melo Antunes

tares desejosos de fazer política deviam despir a farda?

Por que espera Melo Antunes?

Ao falar de democracia e da sua defesa, disse Melo Antunes: «Aí sim, que nos mostramos — os militares de esquerda — perfeitamente intransigentes».

Foi por isso que logo no dia 26 de Novembro Melo Antunes foi à TV defender a continuação do Partido Comunista no Poder!...

Melo Antunes revê-se na sua auto-suficiência e, nem repara que está a dividir militares e políticos.

Assim, disse na entrevista, que o 25 de Abril ainda não está claro. A contraditá-lo estão o general Eanes, o brigadeiro Pires Veloso e Hugo dos Santos que na celebração do 25 de Abril disseram claramente que a «esquerda» quis tomar o poder pela violência.

Melo Antunes não quer que os implicados no 25 de Abril — «alguns conhecidos companheiros militares que fizeram o 25 de Abril», disse o mentor marxista dos capi-

tães, — sejam sujeitos aos Conselhos de Disciplina.

Tem razão: De Gaulle, chefe do Estado de França, demitiu de Ministro da Defesa, o famoso marechal Jouin, herói da segunda Guerra Mundial, pelas críticas feitas ao Governo francês a respeito da Argélia!...

Melo Antunes preocupa-se com a democracia portuguesa, e tanto que até nem respeita a Constituição e órgãos de soberania.

Na citada entrevista, disse Melo Antunes que o Conselho da Revolução «é a única garantia — também para os europeus — de que a democracia continuará em Portugal».

Para os Europeus, de Leste, talvez. Para os Europeus Ocidentais, não, porque a verdadeira democracia, para estes (Ocidentais) só o é, sem as Forças Armadas a garanti-la...

A Constituição garante a democracia através dos órgãos de soberania — Chefe do Estado, Parlamento, Governo e Conselho da Revolução. Para Melo Antunes, só o Conselho da Revolução.

E o general Eanes jurou respeitar e fazer respeitar a Constituição. Que ideia fará Melo Antunes de um juramento solene, como o de Chefe do Estado?

O brigadeiro Hugo dos Santos, da Região Militar do Centro, responsabiliza os comunistas pela desestabilização nos últimos dias.

Sendo Melo Antunes, da «esquerda militar», está com o Partido Comunista, ou mais ao lado?

Melo Antunes precisa de falar para se iludir? Talvez. Falou da descolonização «exemplar» e só o acreditaram os comunistas; falou, quando tomou posse a Comissão Constitucional, e acusado de querer promover um poder paralelo, foi batido por todos os partidos, menos pelo Comunista; falou agora a uma revista espanhola e nem respeitou a Constituição e, indirectamente, certamente se o pensar, o próprio Chefe do Estado.

Como a linha «melantunista» está sem apoio, que apoio busca? O Partido Comunista dá-lho com certeza.

Ninguém quer a desestabilização nem a ditadura. Mas, com declarações do estilo das do Melo Antunes está mais próxima de nós a ditadura do que a democracia.

Claro que há quem sugira a «democracia do proletariado». Mas não, o Povo de Portugal.

Se Melo Antunes se reduzisse ao silêncio, morreria em glória...

Andamos a dar vivas à morte, ou quê?

(Continuação da 1.ª pág.)

AVO; TERIA DESISTIDO DE OLHAR POR NÓS.

CAMÕES, dizia, referindo-se à impressão da vida na Índia: «Da Terra vos sei dizer que é Mãe de vilões ruins e madrastra de homens honrados».

Em muitos casos, é assim mesmo o que acontece na nossa Terra, que devia ser sempre a Mãe de todos e nunca, Madrastra dos seus melhores filhos.

Se há vilões ruins que passam o tempo a dar «vivas à morte», neste turbilhão de greves, atentados, incitamentos à desordem e à revolta, pondo de parte aquilo que é o sustentáculo número um da vida de uma Nação — O TRABALHO —, há que chamá-los à ordem, de qualquer modo, para que sejam homens e que dignifiquem o nome de portugueses.

Para a organização da economia nacional, é preciso que Portugal produza o suficiente para o consumo interno — na medida do possível — e ainda para exportação, dando lugar à entrada de divisas, tão necessárias ao nosso desenvolvimento. Ora, se continuar em a diminuir as horas de trabalho e, consequentemente, de produção, o que vamos exportar? Greves, tumultos, desorganização, reivindicações, plenários, comícios, assaltos, insultos, etc., etc.? E terá tal «mercadoria» cotação nos países estrangeiros? Se não têm, há que produzir aquilo que realmente nos possam comprar.

Não basta facilitar as exportações como se fez com a desvalorização do escudo, o que é preciso é produzir, trabalhar, e, para isso, basta haver ordem, respeito e disciplina, atributos que andam muito afastados de nós.

Este é o caminho da verdade, mas já CONFUCIO, um dos mais notáveis mestres da arte de bem viver, dizia: O CAMINHO DA VER-

DADE É LARGO E FÁCIL DE DESCOBRIR. O MAL ESTÁ EM QUE OS HOMENS NÃO O PROCURAM!

UM dos slogans mais usados agora, é o de «unidos venceremos». Estamos de acordo, mas, sem que a união abranja TODOS OS PORTUGUESES, já mais alguns vencerão.

Parece que três longos anos não foram o suficiente para esclarecer o povo português de que a união faz a força, mas só quando é usada para a paz, a concórdia, o trabalho, a produção e o interesse nacional. Não é a união de uma parte contra a outra. Não é uma união parcelar, porque esta é uma luta e a luta só pode desunir.

Uns, não compreendem, outros não querem ilucidá-los, e as consequências estão à vista.

Irá agora o Governo da Nação ensinar os ignorantes e contrariar os que erram conscienciosamente e os seus perigosos incitadores? Se assim for, muito bem e o país entrará no bom caminho, aquele que é a verdade, a luz e a vida.

SENÃO... NÃO.

Vlagueiro

VINHO VERDE BRANCO

COMPRA-SE QUALQUER QUANTIDADE

Resposta com indicação de quantidade e preço para o

Apartado 22 — VILA NOVA DE GAIA

Câmara Municipal de Esposende

AVISO

Faz-se público que, tendo sido definida a ZONA DE PROTECÇÃO DO HOSPITAL DE ESPOSENDE, poderão os interessados apresentar quaisquer reclamações, no prazo de 30 dias, para o que o processo pode ser consultado na Secretaria desta Câmara.

Para efeitos do disposto no Decreto-Lei n.º 181/70, de 28 de Abril se publica o presente aviso.

Paços do Concelho de Esposende,
25 de Fevereiro de 1977.

O Presidente da Câmara
Alexandre Domingos Losa Faria, Eng.º

Casa do Minho

Almoço da Lampreia

Como noticiamos no número passado, o Almoço da Lampreia, promovido pela Casa do Minho, de Lisboa realiza-se no dia 27 de correntes na Quinta do Outeiras — Rosalinda, Gondarém, Vila Nova de

Cerveira, um belo solar que pertenceu à família Almeida Braga. As inscrições podem fazer-se para o Restaurante, tel. 95231 ou através da Agência Avic, Viana, tel. 24081.

Comentários

RACISMO

(Continuação da 1.ª pág.)

Bendita democracia, mas ...

Ao ouvir Sá Carneiro informar pela TV que o seu partido decidiu convocar o governo para a AR afim de esclarecer os motivos que o tinham levado a medidas de austeridade, alguém desabafou: «Bendita democracia. Pelo menos, os responsáveis têm de explicar e justificar os seus actos».

E assim é, na verdade. Dentro de dias, teremos possibilidades de conhecer em pormenor — assim o esperamos ... — as razões que levaram o governo a legislar sobre problema de tanta gravidade e, também, de-certo, nos dirá que não podia ter procedido doutra maneira.

Esta é a parte positiva, mas há a negativa, é claro.

Apesar de o governo ter informado que a desvalorização do escudo em nada afectaria os preços dentro do país, logo no dia seguinte pessoas se queixavam de que os artigos tinham dado um salto de 400\$00,

Artigos nacionais, claro.

Que saibamos, tais preços continuam a ser os que assim procedem não são chamados à ordem.

E como hão-de ser? Antigamente, a PSP e a GNR intervêm, corajosa e decididamente. Agora intervêm, mas acontece-lhes como no caso de Riopelle: o Sindicato de Delães chama a GNR ao tribunal.

E quando são chamados ao tribunal os sindicatos que o mereçam? ...

O Sindicato fez-se para defender os trabalhadores, sem, todavia, criar dificuldades ao país. Trabalha na ordem, na paz, na harmonia social. Mas o que está a acontecer por cá? Instrumentalizado nas

mãos do PCP, tornou-se o pior inimigo dos trabalhos e do país.

Ódio! Violência. Salários utópicos. Greves por tudo e por nada. Absentismo. Preguiça. Pouca produtividade.

Activistas — escassíssimas minorias ... — dominam como ditadores odiosos, asquerosos, piores do que sátrapas! ...

Desencaminhados por eles, alguns trabalhadores caem na tolice de se rebelar contra as estruturas legais. Não satisfeitos com abandonar o trabalho, exigem que os outros também não trabalhem. A GNR intervém para garantia de opção e impõe a lei.

Quem deveria ser chamado ao tribunal: o sindicato que proclama a revolta, o ódio e a violência, a greve que a maioria não quer, ou quem acode para que os que não querem ser escravos possam ser efectivamente livres?

«Nada nem ninguém vergará» ...

Lêem-se certos anúncios que, no fundo, são incitamento à revolta, ao ódio, à violência.

E assim é, de facto. Nem o interesse nacional, nem a paz social, nem a liberdade dos trabalhadores, nem o progresso, nem a Pátria Portuguesa valem nada.

Nada nem ninguém? Só o PCP ... Esse, sim, instrumentaliza os activistas e domina mesmo.

A esse, eles obedecem.

Exemplo típico: Área de Sines ... 200 mil contos de prejuízos/mês ...

Um dos empreendimentos de mais fôlego de hoje é a Área de Sines: 40.100 hectares ocupará o complexo, já expropriado 21 900,

estando previstos 31,6 milhões de contos para a ciclópica façanha.

Acontece, porém, que obstáculos sobre obstáculos atrasam a marcha das expropriações. O governo já o denunciou clara e oficialmente nos termos seguintes: «os estratégias dilatórias mais diversos causam graves prejuízos ao erário público, quer através do pagamento de indemnizações por obstrução ilegal à execução dos trabalhos programados quer através de pagamentos mais elevados aos empreiteiros, por revisões de preços a que legalmente têm direito, por atrasos na sua execução. Desta situação decorrem adiantamentos no arranque das unidades industriais em construção que, para além de impedirem a criação de novos empregos, poderão acarretar prejuízos da ordem das centenas de milhar de contos mensais.

A gravidade de uma tal situação pode ser ilustrada com o caso da Petroquímica: esta unidade, uma vez montada, se vier a ficar impedida de funcionar, devido à falta de qualquer das Infraestruturas que

(Continua na 7.ª pág.)

desencadeada após o termo do último conflito mundial, talvez para mais facilmente cativar as massas negras, pretendeu allar, intimamente, imperialismo político-económico e discriminação racial. E os extremismos foram surgindo. Assim, um guineense, Nnandi Azikwe, afirmava: «antes do ano 2.000, os Estados Unidos estarão quase destruídos e a Europa destruída de todo. Por mão de quem? Naturalmente, por mão da África Negra». Muhammed Elijah, negro islâmico americano, afinava pelo mesmo diapasão, ao reivindicar, para a sua raça, os mais altos cargos da Administração Americana. São suas as seguintes palavras: — «Acusamos o homem branco de ser o impostor máximo sobre a terra, o maior asinino, um mentiroso, um perturbador da paz e, sobretudo, o nosso maior inimigo». Até o grande poeta indiano, Rabindranath Tagore, proferia, em Tóquio, em 1914, terríveis palavras, dizendo: — «A civilização europeia é uma máquina destruidora. Desgasta os povos que conquista; extermina as raças e destrói aquelas que impedem a sua marcha triunfal. É uma

civilização canibalesca, que oprime os débeis. É uma civilização científica, mas não humana».

Outros grandes ataques contra a presença europeia, fora do velho mundo, provieram dum Franz Fanon, da maior parte dos intelectuais paladinos da doutrina da Negritude, do grupo da «Présence Africaine» e ainda dos participantes do colóquio de Abidjan que, em Abril de 1961, reuniu representantes das comunidades católicas, protestantes, muçulmanas e animistas da África Negra.

Ouve-se falar em «poder da maioria negra», sem cuidar que, em todas as sociedades humanas, o poder é sempre exercido pelos mais aptos. E estes não coincidem, necessariamente, com a maioria étnica...

Por outro lado, os ideários dos movimentos emancipalistas e até as constituições políticas dos novos estados africanos pregam a luta contra o racismo e contra o tribalismo.

Ora a verdade é que, quando se pretende convencer que a maioria

(Continua na 7.ª pág.)

SABIA?

(Continuação da 4.ª pág.)

tuguês, espanhol e marroquino chegaram à conclusão de que era necessário organizar de imediato circuitos internacionais de turismo, com as respectivas facilidades de alojamento e transporte.

Como necessidade essencial, antes de mais nada, está a dispensa de passaporte e comércio livre entre as nações agrupadas para os tais circuitos.

Em pleno século XX, com o Mercado Comum, passaporte e

alfândega são coisas, que já se não compreendem, por anacrónicas.

Ministério do Trabalho: Carro custou 700 contos!

Os radiouvintes ficaram de-certo escandalizados quando Sá Carneiro disse o outro dia à TV que um semanário se referiu à compra de um automóvel por determinado ministério, o qual só custava 700 contos ...

Trata-se do Ministério do Trabalho: até tem ar condicionado ... Ó Zé, e tu, às vezes, nem migas tens para comer ... E falam em teu nome. Dizem coisas e loisas para te libertarem da fome, da miséria, etc., etc., etc. ... Eles é que se libertam dessas coisas e à grande; enquanto tu ...

PCP e FEPU: sem qualquer culpa ...

Hugo dos Santos denunciou infiltrações comunistas e filoco-comunistas no exército. Logo PCP e FEPU vieram declarar, público e raso, que estavam de mãos limpas e coração puro. Nem sequer tinham intenção de o fazer, quanto mais meterem-se nisso.

Toda a gente sabe disso. Como é que a ditadura do proletariado, que sabe que só pela revolução e a violência chega ao poder, como é que ela podia fazer tropelias no exército?

«Europa Livre» continua a emitir em Portugal

Surpreende-nos a insegurança e resistência, agora verificada, nos países comunistas. Sobretudo Moscovo está a ser teatro de factos e acontecimentos, que nos lembram

os tempos de Marcello Caetano por cá.

Tais factos resultam da acção permanente das emissões da «Europa Livre», que, qual Nato, de cariz diferente, vai esclarecendo os países de leste.

Se nos lembrarmos que todos nós ouvíamos a BBC e a Voz da Alemanha ao longo do Verão Quente Gonçalves para sabermos o que realmente se passava em Portugal, poderemos avaliar a ansiedade e o alvoroço, com que as populações, sob a pata comunista, ouvem as emissões da «Europa Livre».

Acaba de ser renovado o contrato entre Portugal e Washington para que essa estação possa continuar a emitir em Portugal. Para o efeito, os E. U. A. pagarão anualmente sete milhões de escudos ao governo de Lisboa e 105 milhões, aos funcionários que nela trabalham.

Certa imprensa agastou-se com a renovação do contrato, alegando que as emissões se destinam de preferência aos ocidentais, já que os de leste têm mais que fazer do que ouvi-las. Assim, sendo, dizem eles, não se compreende que se aceite e permita um grande motivo de fricção entre Lisboa e os países sob domínio comunista.

Palavra que não compreendemos: se as emissões não são ouvidas pelos felizardos do comunismo, para que molestar-se e preocupar-se com a «Europa Livre» em Portugal?

Mas haverá divergências políticas entre Lopes Cardoso e Otelo?

Otelo apresentou o livro sobre acerca da sua campanha eleitoral.

(Continua na 7.ª pág.)

TRIBUNA LIVRE

(Continuação da 3.ª pág.)

Surgiu, porém, uma desgraça nacional, do que a maioria dos portugueses sofre amargas consequências (que não os aventureiros oportunistas!).

Irrorapeu uma péssima política, de bem demonstrada incompetência (talvez por isto esbanjadamente pagal) com os seus frutos: guerras pessoais para saciar ódios e sedes de vinganças, muitas cevadas em invejas!

Porque tudo começou de noite, a demagogia safu para a rua em fraldas ou desnudada, ainda estre-munhada!

Quem não tinha motivos pessoais de revolta ... inventou-os!

Despídos os dominós dos falsos sentimentos de civismo, adultos e menores, como que regressados à selva, começaram a dar largas a toda a casta de instintos e de ambições!

Veio a libertinagem, infrene, irresponsável, que não mais parou!

Foi como um glacial que se solta e que tudo destrói e esmaga,

no seu caminhar abissal, não havendo forças humanas que lhe barrem a marcha!

Também, como o «iceberg» tornado apátrida, muitos homens, nas suas loucas ambições, só pensam em si, friamente, sem alma nem coração; que os outros só contam na medida em que os favoreçam!

Por isso, só podem acreditar no seu socialismo os tolos, os fanatizados e os que comem com seus «patrões» à mesa ou debaixo dela! ... Só estes contam! ...

Aos outros, puseram (e põem) açamos e cofinhos e rotulam-nos de «fascistas», de reaccionários, de obscurantistas, etc. etc., e, com tanta estupidez, que não compreendem que também o marxismo é fascista ou superfascista!

E, que mais sucedeu?

Como feras esfaimadas por carne, atiraram-se aos dinheiros públicos, incluindo as reservas metálicas, as divisas; aos patrimónios privados, bancários e das empresas, etc., etc., estatizando tudo quanto quiseram, sob qualquer pretexto. Foi uma voragem!

Vieram as greves, as desordens,

as destruições, a paralização dos trabalhos de rendimento nacional, etc., etc.! Seguiram-se as exigências de ordenados e salários astronómicos! E, curioso: quanto maiores as remunerações menos produção. A ceva de classes privilegiadas e o «tachismo» (que se desejava eliminado) multiplicaram-se para privilegiados! E com greves pagas... menos apetece trabalhar.

E enquanto uns vivem à-va-larga, a maioria dos portugueses vive em apuros, mormente os que trabalham nas terras (exceptuados os que parasitam nos cofres do Estado — caso do Alentejo, da Reforma Agrária).

A disparidade de ordenados, de salários, de diuturnidades, de pensões de reforma e de viuvez são uma monstruosa deshumanidade.

O recente aumento dos 15% de ordenados, da maneira como foi atribuído, é outra tristeza: dar mais aos que menos precisam e que recebem, moralmente, em excesso!

E, à custa de quem, tudo isto?!

ZÉ PACÓVIO

Formação Profissional e Emprego

— tema de reunião entre técnicos portugueses e espanhóis

Venezuelanos - 5.000!

Vêm aprender a Espanha

No Centro n.º 11 de Ramalde teve lugar uma importante reunião de técnicos portugueses e espanhóis para debater problemas relativos à Formação Profissional e Emprego.

Segundo ali foi revelado os Centros de Formação Profissional tem neste momento uma actividade reduzida a cerca de 50%, impondo-se, por isso, encontrar e seguir fórmula de dinamização mais adequada à presente conjuntura do País. Dentro desta nova perspectiva os Centros poderão dirigir concretamente grande parte das suas potencialidades técnicas e pedagógicas para os diferentes sectores empresariais em ordem a alcançar-se maior nível de produção, com base em cursos e reciclagem de aperfeiçoamento profissional, à luz da metodologia laboral.

Pretendeu-se, por outro lado, ouvir a larga e comprovada experiência do país vizinho em matéria de nas rubricas em causa. Efectivamente os porta-vozes espanhóis José Escobar Fraguas, director do Centro Profissional e Social de Vigo, Castor Conde Balado, Director Provincial de Pontevedra e Junquera Vasquez, Coordenador Regional da Galiza, foram altamente esclarecedores sobre a sua programação de aperfeiçoamento e formação laboral, previamente escalonada após pesquisas do mercado de trabalho. Como corolário do nível atingido não surpreendeu a revelação ali feita de que cinco mil venezuelanos se deslocarão a Espanha para obter aperfeiçoamento profissional.

Pôde concluir-se, que, enquanto em Espanha a política de emprego de formação profissional é accionada no mesmo órgão governamental, esta última, em Portugal é executada por alguns ministérios.

«Bastante enriquecedora» — foi a oportuna classificação feita à reunião pelo responsável em Lisboa da Direcção do Serviço de Formação Profissional. Presentes ainda nesta reunião o director do Serviço de Emprego, dr. Amândio Martins, e outros técnicos destes departamentos, além de uma representação de industriais de Alto Minho, aos quais anteriormente foram patentes as modelares instalações do referido Centro de Ramalde e o número 2 de S. Roque da Lameira.

A tónica expressa pelos empresários minhotos assentou numa franca confissão de quase desconhecimento destas estruturas para a formação profissional, a despeito da sua situação geográfica, paredes meias com dois grandes polos de desenvolvimento — Porto e Galiza. Na sequência dos trabalhos foi agradável ouvir o responsável de uma indústria de confecção que pediu o apoio técnico para a formação de trinta estagiárias.

Considerações muito pertinentes foram apresentadas pelos representantes da celulose, fabricação de armas, de serrações, de chocolates e de construção naval sendo dado até conhecimento de que neste ramo há uma escola de aperfeiçoamento em Viana do Castelo.

Foi pedido apoio às pequenas e médias empresas. Também houve interesse em saber-se que em Portugal só 13% de desempregados tem acesso ao subsídio de desemprego.

Foram assinaláveis as intervenções nesta reunião dos srs. Soutelo Torres, adjunto do Centro Ramalde, empenhado em apreciável dinamização, e do dr. Martins Gandra, adjunto da Divisão Regional do Serviço de Emprego.

Afonso do Paço

(Continuação da 6.ª pág.)

Ao acto compareceram Lopes Cardoso e Acácio Barreiros, Luís Moita, Nuno Teofónio Pereira e outros membros do MUP.

Interrogado sobre o significado da sua presença na «Assírio e Alvim», afirmou Lopes Cardoso: «A minha presença aqui é um acto de solidariedade com alguém que, para além das profundas divergências políticas que nos possam separar, é um dos capitães de Abril e um homem que lutou contra o fascismo. No momento em que há um avanço evidente das forças de direita, esta presença e este acto de solidariedade explicam-se por si sós».

Mas, de facto, haverá divergências políticas entre Lopes Cardoso e Otelo?

A serenidade do Presidente Eanes

Uma das coisas que mais surpreende no actual turbilhão da vida portuguesa é a serenidade do piloto: o Presidente Eanes.

Muito preocupados — ou talvez não... — com a reunião de oficiais em Sesimbra, com vista a entrar

em actividade revolucionária, dizia-se, certos jornais quiseram saber da Presidência da República se o General Eanes recebera algum documento dos tais oficiais.

Da presidência da República, responderam que «o único documento que o Presidente da República recebeu de Sesimbra foi o da conta do restaurante onde almoçou na terça-feira». Solicitado pelo jornalista da ANOP o informador do Palácio de Belém disse que «o general Ramalho Eanes pagou a refeição».

Quando o piloto faz ironia, o mar está calmo... Ainda bem.

Pato acha que o estado não deve pagar despesas de partidos (burgueses...)

Pato, falando no refeitório dos estaleiros de Cacilhas da «Parry and Son», opôs-se a que fosse o estado a pagar os milhares de contos de despesas dos partidos políticos, como faz, por exemplo, na Itália.

Palavras suas:

«Devem ser os militantes dos partidos políticos a sustentá-los

financeiramente, e não o povo em geral, através de impostos.»

Está certo. Certíssimo, mas Pato deve querer referir-se apenas aos partidos burgueses, já que, nos países comunistas, só existem os partidos da Ditadura do Proletariado e, esses, pagos, é claro, pelo Estado.

Também não consta que o PCI recuse o dinheiro que o estado lhe dá para os seus «alfinetes» políticos...

Em breve, a segunda fase das obras do Lar de S. Cruz

Foram enviadas para as Instâncias superiores as propostas das 6 firmas que concorreram à 2.ª fase das obras do Lar de S. Cruz, nesta cidade, as quais, depois de abertas, foram enviadas para homologação pelas referidas instâncias.

Por esse motivo, as obras devem começar muito em breve.

Comentários

(Continuação da 6.ª pág.)

a servem originará um prejuízo mensal de 200 mil contos.

Além disso, sabotagem. Custo do crime: 11 mil contos de prejuízos e o mais que se verá...

Não se limitam a retardar a expropriação os obstáculos de Sines. Vão ao ponto de sabotar o empreendimento, que deveria ser o nosso orgulho. Assim, recentemente, foram destruídas 3 máquinas no valor de 11 mil contos. Foi preciso adjudicar uma obra de 5.345,6 contos para recuperar os atrasos com a construção da albufeira de

Morgavel, imprescindível para o abastecimento de água a Sines.

Factos destes sempre os houve. A diferença, entre ontem e hoje, é que, ontem, os criminosos eram presos, julgados e condenados. Agora... o que é que se faz a quem rouba bancos, se alega que é para fins políticos? Nomeia-se pessoa de topo do regime... quase ministro!

Porque não hão-de estes criminosos ser encomodados se agem por motivos políticos, mesmo quando o partido lhes pague chorudamente?...

Mas até quando, Zé?

Deviam ser estes fascismos a preocupar certas individualidades e não os outros... Onde estão eles?

Inter contra as medidas de austeridade...

CGTP/Inter — a dita quis mudar de nome, mas não conseguiu... — a Inter, reunida com 140 sindicatos dela e mais 20 que não estão filiados, mas dela são, com certeza, opôs-se às medidas de austeridade do governo, exigindo o seguinte:

«A desvalorização do escudo, associada a outras medidas tomadas recentemente pelo Governo, como sejam o escandaloso aumento dos preços da maioria dos produtos que constituem o próprio «cabaz de compras», a subida em 4 milhões de contos só de impostos que atingem fundamentalmente as classes trabalhadores, a aceleração do regime de controlo de preços que abre as portas à inflação, galopante, a inexistência de quaisquer medidas que visem obrigar o patronato a pagar a actual crise económica (pelo contrário, decide-se pagar gigantescas indemnizações aos grandes capitalistas e agrários), representa uma medida política de direita, que nada tem a ver com a construção de uma sociedade rumo ao socialismo».

Na sequência, considera o ma-

nifesto que «as medidas tomadas pelo Governo não são medidas socialistas nem conduzem ao socialismo, antes afastam cada vez mais esta perspectiva. E, por isso, «a situação actual exige uma resposta imediata e firme à ofensiva do patronato e do Governo em defesa dos interesses mais elementares comuns a todos os trabalhadores», defendendo o poder de compra contra o aumento do custo de vida e contra o congelamento dos salários.

O plenário aprovaria uma resolução visando a discussão dos problemas dos trabalhadores a nível distrital e a nível de empresa, preparando-se uma ampla campanha contra o aumento do custo de vida e a satisfação dos seguintes objectivos imediatos: «A suspensão do decreto-lei n.º 49-A/77 que congela a contratação colectiva e os salários».

Querem o caos... Não desistem...

Foram os senhores da Inter que levaram o país ao caos: salários utópicos, contratos colectivos de trabalho ruinosos para o país e, no fim de contas, para os trabalhadores, greves selvagens e sem ser selvagens, ódio, absentismo das empresas, pouca produtividade, nacionalizações que provocam déficits sobre déficits, intervenção do estado nas empresas, tornado-as inoperantes, deficitárias e preguiçosas, saneamento-roubalheira dos padrões... — foram os senhores da Inter, directa ou indirectamente, que levaram o país a isto e, quando o governo tenta corajosamente reactivar a economia e salvar o país, aí vêm eles torpedear, sabotar, impedir a marcha da recuperação que se espera.

Mas são lógicos: o que eles pretendem é serem eles estado e tudo. Serem os patrões como nos países socialistas... Daí o convite à revolta.

RACISMO

(Continuação da 6.ª pág.)

ria negra (no meio da qual há outras minorias étnicas e no seio destas muitos elementos africanos pelo nascimento) é a legítima para governar, está a invocar-se uma discriminação racial, há muito condenada, justamente, porque se está a vincular um direito a um mero atributo físico: — a cor da pele.

Ninguém tem dúvidas de que o imperialismo político-económico não escolheu a cor das suas vítimas; brancos, pretos e mestiços sofreram a sua exploração. Por isso, deve entender-se a condenação do racismo a todos os níveis, mormente o racismo negro, que parece mostrar-se mais violento e mais bárbaro do que o branco... Além disso, os aspectos em que a violência e a barbaridade assumem uma relevância extraordinária patentelam-se, idealmente, no tribalismo. Podemos recordar

vários exemplos, relativamente recentes.

Assim, a independência do Congo ex-Belga, em 1961, foi assinalada por uma luta feroz entre as duas principais tribos do Kassai: — baludas e luluas. Antes, o Ghana já havia sido cenário duma intensa perseguição que os «fanti» moveram aos verdadeiros autóctones da antiga Costa do Ouro: — os «ashanti»; e que dizer dos terríveis massacres havidos no Ruanda Urundi que vitimou dezenas de milhares de «tutsis»? E a guerra do Biafra em que os «ibos», católicos, foram, selvaticamente, perseguidos pelas tribus islamitas, detentoras do poder na Nigéria? O que se terá, efectivamente, passado na Guiné, em Angola e Moçambique (ou o que se irá ainda passar), tendo em vista o xadrez étnico existente nessas regiões, que a imprensa não referiu, porque não teve conhecimento ou a cortina do silêncio impediu? Em

África, os antagonismos tribais assumem uma virulência ainda maior quando enfeixados em antagonismos ideológicos. Não se esqueça que, no continente negro, os partidos políticos têm sempre uma base marcadamente tribal; daí, o ódio, a perseguição e a violência física serem a única forma possível de diálogo entre eles... Foi por estar bem ciente destas realidades que o presidente da Zâmbia fez, em certa ocasião, a afirmação de que a democracia em África tinha que ser sempre de partido único(!).

Isto leva-nos, pelo menos, a uma conclusão, que é a seguinte: — se outros benefícios não tivesse o continente negro obtido da presença europeia, um deles tem de considerar-se indiscutível: — a paz entre as etnias e a sobrevivência de algumas...

¹ In «Ensaio Etnológico», Lisboa, 1961. Pág. 173.

Eles o dizem...

Se é verdade, e tem de ser, aliás não o diziam...

Governador de Braga em fúria, furta-se ao diálogo

Causou grande impacto na opinião pública cabeceirense, a insólita atitude do Chefe do Distrito, dr. Sumavielle Soares, ao recusar prestar esclarecimentos, que lhe foram solicitados no decurso da instalação da Assembleia Municipal deste concelho, respeitantes às razões pelas quais não procedeu à posse do membro, por inerência, daquele órgão do poder local, sr. José da Costa Macedo, eleito em plenário, por esmagadora maioria, Presidente da Junta da Freguesia de Vila Nune.

Com um furioso, mal humorado e repetido «cale-se», o Governador Civil, furta-se ao diálogo, em atitude nitidamente prepotente e anti-

democrática, quando momentos volvidos afirmaria publicamente «ser salutar a discussão», não justificando, como lhe competia, o seu despacho, citando as disposições legais aplicáveis que lhe atribuem competência para decidir sobre tal matéria.

Salvo melhor opinião, não compete aos magistrados administrativos decidir da inelegibilidade de qualquer cidadão proclamado eleito, nem têm legitimidade para interpor recurso das deliberações dos plenários dos cidadãos eleitores.

Mas enfim, quando falta a razão, «argumentum baculinum».

(In «O Jornal de Cabeceiras», 19-2-77).

É preciso que as novas Assembleias Municipais revelem ao povo as contas das Câmaras Municipais desde 25 de Abril até agora...

In «O Povo de Fafe». «Toda a gente conhece a forma despótica e arbitrária como as Câmaras Municipais — tomadas de assalto, após o «25 de Abril», pelo sofismado Movimento democrático — foram administradas.

Sem qualquer representatividade das bases, a designação dos edis obedecia, simplesmente, a puro sectarismo.

Os planos de actividade que eram de critério pessoal, — quer dizer, cada presidente fazia o que lhe dava na real gana — não tinham linha definidora. As verbas dispendidas não estavam sujeitas a normas prioritárias nem a regras contabilísticas rígidas. Não se prestavam contas a ninguém.

Com efeito, durante dois anos e meio, isto é, até à democratização das autarquias, os municípios não tiveram conhecimento do que se gastou — e como se gastou.

Este sistema de administração — sistema, aliás de índole totalitária — podia proporcionar incorrecções ou abusos condenáveis, como fossem, por exemplo, depósitos de dinheiros públicos em conta bancária pessoal.

Seria de toda a conveniência, portanto, que as Assembleias Municipais, ora eleitas, fizessem um esforço — em retrospectiva, é claro — no sentido das contas respeitantes ao referido período de tempo, fossem fiel e claramente, apresentadas a juízo do Povo».

Militia Sanctae Mariae

ORDEN DOS CAVALEIROS DE SANTA MARIA

Os freires portugueses da MILITIA SANCTAE MARIAE tomaram conhecimento, pela imprensa, do MANIFESTO DAS MULHERES DE BRAGA onde reagem contra a deseducação, a pornografia e a violência. Sentem-se solidários com elas nas considerações que formulam e associam ao seu protesto o deles também.

Há escolas que instruem mas não educam. Tanto nos grandes como nos pequenos centros, há corrupção de costumes e de ambientes. Certos valores como: a honra, a justiça, o respeito pela palavra dada, a honestidade, os direitos do homem, a dignidade da pessoa humana, são escarnejados, destruídos, não cultivados. Faz-se

destruir a droga, o fumo, as maneiras canhestras, o palavrão como formas individualizantes de personificação.

A televisão, o cinema, os próprios jornais fazem a descrição e muitas vezes a apologia da violência e da pornografia. Nestas descrições, há por vezes inconfessáveis interesses económicos (lucrativos e comerciais).

A moral cristã e o respeito pela dignidade da pessoa humana são desrespeitados; e isto, muitas vezes, a coberto dum discutível conceito de liberdade e aproveitando-se dum povo de carência de interesses culturais.

E nós, homens de Braga e de Portugal, não podemos deixar de lamentar o termos esperado pela iniciativa das mulheres.

Ao fechar da página

A verdadeira situação política na Rodésia

A Rodésia com a África do Sul anda na ordem do dia, chegando-se, até, a rezear que esteja ali o rastilho da terceira guerra mundial.

Smit tendo proclamado a independência da Rodésia unilateralmente, viu-se logo combatido por todo o mundo, menos Portugal, durante o Governo Salazarista e de Marcello Caetano, e a África do Sul. A própria Inglaterra tem jogado no futuro, isto é, nos negros, com os quais espera manter os seus interesses económicos.

As guerrilhas, porém, é que deram mais acuidade ao problema. Com elas se abriram várias frentes.

As guerrilhas começaram em Dezembro de 1972, provenientes da Zâmbia e de Moçambique, sendo este ainda colónia portuguesa.

Estas, que foram as primeiras, não constituíram perigo para o Governo rodésiano, pois era só uma frente e em uma única zona, o Nordeste.

A segunda frente de guerrilhas foi aberta com a independência de Moçambique no Este da Rodésia, apesar de os 1.500 quilómetros de fronteira entre os dois países permitir facilmente as incursões.

A Frelimo auxiliou os guerrilheiros, e Ian Smith teve de espalhar as Forças Armadas através dessa longa fronteira.

O Este da Rodésia foi, no entanto, o ponto mais batido. Em Agosto de 1976, Kaunda, Presidente da Zâmbia, anunciou a abertura da terceira frente de guerrilhas: a da Zâmbia. Atacam por toda a parte, desaparecem, é uma guerra fantasma.

Em fins de 1976 Botswana criou a quarta frente de guerrilhas, embora com muita prudência para não sofrer as represálias do Governo da Rodésia, que a pode estrangular economicamente, devido a que só tem um caminho de ferro, e este é propriedade do Governo rodésiano.

Para já o exército de Smith é muito mais forte do que os guerrilheiros, cujo número é de 2.000, o qual será acrescido de mais oito mil que estão a ser preparados.

Estas forças de apoio do mundo e as ânsias dos negros dão força aos que combatem Ian Smith. Os negros sabem que, em menos de dois anos devem ter um governo africano, e pensam, já, que a Frente Rodésiana, que é o partido político no poder, perdeu a batalha política ante a pressão das guerrilhas, a pressão económica e a pressão

internacional. E vêem-nos a chorar o dia em que a Rodésia morra para nascer a Zimbabwe. Pois, quando tudo devia unir os negros, estes dividem-se em linhas tribais. Cinco dos seis milhões de habitantes são da cultura Shona, e seguem o bispo metodista Abel Muzorewa, fundador do Conselho Nacional Africano.

Domina as massas populares, razão por que na Conferência de Genebra, iniciada em fins de Outubro de 1976 e suspensa antes do Natal, pediu insistentemente eleições livres para a formação do Governo provisório.

Na Conferência de Genebra perdeu bastante prestígio. Joshua (Josué) Nkomo é outro político notável, o qual luta pela independência da Rodésia desde o ano de 1958. Esteve preso durante onze anos, e nos anos 50 e 60 foi o ídolo indiscutível. Ainda hoje o seguem quase com fanatismo meio milhão de Ndebeles.

Mais político do que Muzorewa, aliou-se, pouco antes da Conferência de Genebra, com Robert Mugabe, chefe político-militar da guerrilha.

Mugabe é da cultura Shona, e Nkomo é Ndebele. Para atrair as massas Shonas Nkomo aliou-se a Mugabe, e formaram a Frente Patriótica, que foi o grupo mais dinâmico na Conferência de Genebra, durante a qual fez uma larga campanha de imprensa a seu favor.

Há aqui, no entanto, um perigo grave: Mugabe, embora católico, que até em Genebra ia à missa, aliou-se aos marxistas de Moçambique, e declarou-se abertamente pró-russo.

Há, pois, quem pense que se a aliança triunfa, este, Mugabe, se desligará do companheiro, e Zimbabwe, (nome futuro da Rodésia) entrará na linha marxista de Moçambique.

Há, ainda, um outro homem em destaque. É Ndabaningi Sithole, metodista como Muzorewa. Desde os anos 60 que actua na política e nas massas Shonas, a que pertence. Está ofuscado pela estrela de Muzorewa.

A sua atitude política é pró-China. Esta é a complicada posição militar e política da Rodésia, que tanto se reflecte na África Austral, zona perigosa do mundo neste momento em que três potências continuam a querer dominar o presente e o futuro da África: Estados Unidos, União Soviética e China.

JÚLIO VAZ

Família de "O Cávado"

Assinantes em débito de 76 Assinaturas pagas

Aos amigos, que ainda não liquidaram 76, um que outro já avisado por duas vezes, rogamos a subida fineza de liquidarem, quanto antes, o débito referido. É-nos impossível, dadas as despesas de cobrança e o trabalho e pessoal que exigirá, fazer a cobrança mais de duas vezes. E, mesmo duas

vezes, não será já fácil pelos motivos expostos.

Tiveram a bondade de efectuar o pagamento da assinatura os srs.: D. Maria Fernanda de Azevedo, até 3-8-77; Manuel Taborda Soeiro, até 3-6-77; Manuel Rodrigues, até 22-5-77; Amaro Gonçalves Rodrigues, até 28-5-78; este senhor teve ainda a bondade de nos mandar mais um novo assinante, o sr. Domingos Gonçalves; outro novo assinante enviado por pessoa amiga, de quem guardamos o anonimato, já que não temos autorização para revelar o nome: Adelino Gomes Fernandes. O Sr. Manuel da Rocha Rodrigues enviou 200\$00, 1977; Manuel de Oliveira Penha Fortuna, até 3-8-78; Eng.º José de Araújo Vieira, 300\$00, 1977; José Guimarães, até 27-10-77; D. Vicência da Conceição Corronhas, até 15-9-77; Eng.º Mário Lima, até 27-10-77; e Carlos Gomes Veiga, 77.

O Sr. António Joaquim Monteiro

envia-nos os seguintes assinantes. Joaquim da Silva Torres, Manuel de Azevedo Duarte, Custódio Martins Cardoso e Adriano da Silva Pinto.

Gratíssimos a todos. Bem hajam e que Deus lhes pague.

Reuniões Internacionais

De 2 a 5 de Abril próximo realizar-se-ão em Lisboa o I Simposium Internacional sobre Reumatismo e Terapêutica e o I Curso Intensivo de Reumatologia para Pós-Graduados. Estas duas reuniões internacionais contam já com a presença do Prof. Borrachero (Madrid), Prof. Villiaume (Paris), Prof. Cauwembere (Liège), Prof. Gigante (Roma), Prof. I. Bonomo (Rio de Janeiro) e Prof. Huskisson (Londres).

O Cávado

Director:

Eng.º Armando António Correia

Proprietário:

Dr. José Bernardino Amândio

Coordenador:

Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz

Redacção e Administração: Rua dos Chãos, 90-2.º Trás — Telef. 25284/27065/27066 (p. f.) — BRAGA

Composto e impresso na Livraria Editora Pax — Rua do Souto, 75 — BRAGA